

ARQUITETURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM RELATO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DO ESCRITÓRIO MODELO NO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO UNIFESO

ARCHITECTURE AND UNIVERSITY EXTENSION: A REPORT BASED ON THE EXPERIENCES OF THE MODEL OFFICE IN THE ARCHITECTURE AND URBANISM COURSE AT UNIFESO

Priscila Marques Mendes, Letícia Thurmann Prudente, Taiane Gallo de Lima, Vítor Godoy de Abreu, Iza Maria dos Santos Lima da Silva Pereira, Júlia Godoy de Abreu, Nara Ellize Martins dos Santos, Vitória Santos Pimentel, Claudio Manoel Azevedo Moraes, Samuel dos Reis Lima

RESUMO

O presente artigo aborda a importância dos Escritórios Modelos de Arquitetura e Urbanismo (EMAUs) como protagonistas no processo de implementação e desenvolvimento da extensão universitária dentro dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, em especial o EMAU-TERÊ, programa de extensão fomentado pelo Plano de Incentivo à Extensão do UNIFESO, iniciado em 2022. Destaca a extensão universitária como forma de aproximação da formação acadêmica às demandas reais da prática profissional, assim como, parte fundamental para os processos de ensino e aprendizagem críticos durante a graduação. Apresenta-se uma breve revisão bibliográfica definindo as atribuições, atividades e projetos desenvolvidos por alguns Escritórios Modelos com intuito de exemplificar as diversas competências e potencialidades de atuação dos EMAUs. E em seguida, são enunciados os percursos metodológicos adotados pelo EMAU-TERÊ e principais atividades durante os dois primeiros anos desde sua criação. Por fim, o artigo encerra ressaltando a importância dos EMAUs na formação crítica dos estudantes e destaca as metodologias participativas como instrumento de organização e mobilização estudantil imprescindível para a construção de processos de ensino e aprendizagem mais conscientes das realidades específicas de cada território.

Palavras-chave: EMAU; extensão universitária; formação em Arquitetura e Urbanismo.

ABSTRACT

The present article addresses the significance of Architecture and Urbanism Model Offices (EMAU) as key players in the implementation and development of university extension in Architecture and Urbanism courses, particularly focusing on EMAU-TERÊ, an extension program supported by UNIFESO's Extension Incentive Plan, initiated in 2022. It emphasizes university extension as a means of bridging academic education with real-world demands in professional practice and as a crucial component of critical teaching and learning processes during undergraduate studies. The article provides a brief literature review defining the roles, activities, and projects undertaken by some Model Offices to illustrate the diverse competencies and potentials of EMAUs. Subsequently, the methodological approaches adopted by EMAU-TERÊ and its key activities during the first two years since its inception are outlined. Finally, the article concludes by highlighting the importance of EMAUs in students' critical formation and underscores participatory methodologies as essential tools for student organization and mobilization, crucial for building more conscious teaching and learning processes that consider the specific realities of each territory.

Keywords: EMAU; university extension; education in Architecture and Urbanism.

1. INTRODUÇÃO

Por isto é que a tarefa do educador não é a de quem se põe como sujeito cognoscente diante de um objeto cognoscível para, depois de conhecê-lo, falar dele discursivamente a seus educandos, cujo papel seria o de arquivadores de seus comunicados. A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (Freire, 1971, p. 46).

As contribuições de Paulo Freire (1971) são fundamentais para pensarmos na importância que a “realidade de inserção” tem na construção do conhecimento. O processo de ensino e aprendizagem é constituído por um sistema de trocas e interações que extrapolam o campo da transmissão de conhecimentos de professores para estudantes e abarcam dimensões muito mais complexas que devem considerar a experiência e o contexto como parte substancial para pensar a educação a partir de uma consciência crítica da realidade (Kubo; Botomé, 2001, p. 2).

A escola de Arquitetura e Urbanismo do UNIFESO está fundamentada em processos de ensino e aprendizagem que priorizam o duplo protagonismo entre estudantes e professores. Todavia, durante os anos de graduação da primeira turma do curso, os desafios se ampliaram no sentido de fomentar práticas mais sensíveis às demandas reais dos territórios e das cidades serranas. E a principal forma de reconhecimento dessas demandas se deu a partir de ações que buscavam extrapolar os limites da sala de aula e experimentar formas transversais do conhecimento através do tripé ensino, pesquisa e extensão, de acordo com as políticas institucionais incentivadas no Projeto Pedagógico Institucional (PPI) do Centro Universitário (UNIFESO, 2016).

Dentro deste contexto foi apresentada a proposta de implementação do primeiro programa de extensão para o curso de Arquitetura e Urbanismo do UNIFESO, por meio da criação de um laboratório de extensão baseado nos conceitos de um Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU). Segundo a Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (FENEA) - entidade de representação estudantil que fomenta a criação de EMAUs - estes são projetos de extensão universitária que “visam a melhoria da educação e da formação profissional através da vivência social e da experiência teórico-prática como um todo”. Tendo como finalidade não apenas complementar a educação universitária, mas também afirmar um compromisso com a realidade social da comunidade onde a universidade está inserida (FENEA, 2007).

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Este artigo tem como objetivo geral apresentar a importância dos Escritórios Modelos nos processos de implementação e desenvolvimento da extensão universitária nos cursos de Arquitetura e Urbanismo.

2.2 Objetivos específicos

- Introduzir uma breve revisão bibliográfica das competências e atribuições de um Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo, assim como sua relevância e pertinência para o desenvolvimento das práticas extensionistas dentro dos cursos de Arquitetura e Urbanismo;
- Apresentar um breve relato das atividades, metodologias, experiências e desafios dos projetos desenvolvidos pelo EMAU-TERÊ – programa de extensão fomentado pelo Plano de Incentivo à Extensão do UNIFESO – no período entre 2022 e 2023;
- Apresentar os processos e diferentes formas de abordagem dos estudantes dentro de cada projeto desenvolvido pelo EMAU-TERÊ.

3. JUSTIFICATIVA

De acordo com os princípios básicos dispostos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (112/2005), de um modo geral, o curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo deve prezar pela qualidade de vida dos habitantes dos assentamentos humanos e a qualidade material do ambiente construído, fazendo o uso dos instrumentos técnicos de acordo com as necessidades sociais, culturais, estéticas e econômicas das comunidades (MEC, 2006). Deve-se buscar o equilíbrio entre o construído e o meio ambiente, levando em consideração as especificidades de cada território.

No entanto, é possível notar que existe uma enorme barreira entre os princípios abordados na acadêmica e a prática profissional do Arquiteto Urbanista. Ao olharmos para o crescimento desigual das cidades brasileiras, podemos identificar a precariedade dos ambientes construídos, assim como a dificuldade de acesso, por boa parte da população, ao profissional de arquitetura, sobretudo, nos temas que envolvem o direito à moradia e a assessoria técnica para construção e regularização das obras. Desta forma, destacamos a relevância da extensão universitária como forma de incentivar os estudantes a conhecerem outras possibilidades de atuação engajadas com o atendimento social das comunidades em que estão inseridos. Os Escritórios Modelos se tornam, então, entidades importantes para o fortalecimento desse processo durante a formação estudantil, no sentido da inserção e das possíveis experiências produzidas a partir de outras áreas de atuação e campos de trabalho.

4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: MAS AFINAL, O QUE É UM EMAU?

O EMAU se torna um exercício de extensão baseado no diálogo, na comunicação e na troca, na qual os estudantes levam às comunidades os conhecimentos específicos de arquitetura e urbanismo, e retornam à comunidade acadêmica o conhecimento adquirido em suas atividades. Tendo como foco áreas com dificuldade de acesso ao profissional de arquitetura e em comunidades organizadas em associações, conselhos ou comissões de moradores para que os projetos sirvam como instrumento de desenvolvimento crítico dessas comunidades e não como ações assistencialistas ou atividades voluntárias.

Os estudantes devem ter autonomia quanto a gestão, escolha do projeto, parcerias com entidades externas e escolha das áreas de atuação, sendo sempre acompanhados por professores universitários que possuam

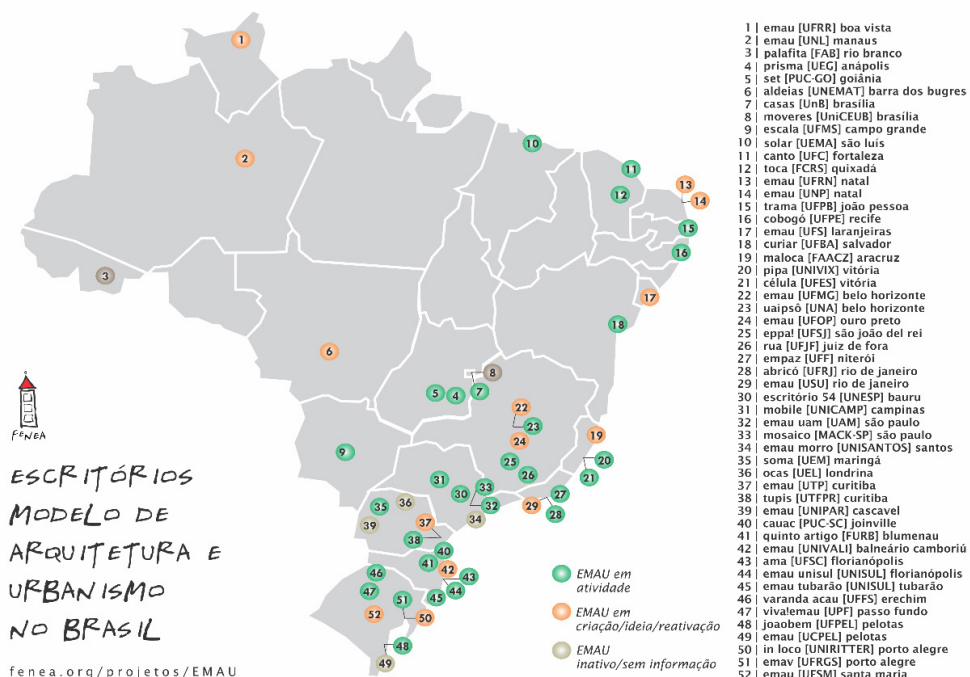
responsabilidade técnica e legal para orientar os projetos. Desta forma, o EMAU não deve ser encarado como uma atividade de prática profissional e, sim, como um exercício acadêmico de experiência ampliada, a fim de melhor contribuir para a qualidade de vida das comunidades locais.

De acordo com a Carta de definição para Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo desenvolvida pela FENEA (2007), todo EMAU deve “possuir sua própria dinâmica de trabalho a partir de sua realidade acadêmica e regional, no entanto todos devem respeitar alguns princípios para que sejam considerados escritórios modelo”, sendo esses: 1) Gestão Estudantil; 2) Horizontalidade nas tomadas de decisão; 3) Coletividade; 4) Multidisciplinaridade; 5) Não-assistencialista; 6) Atuação nos locais não alcançados pelo profissional arquiteto; 7) Sem fins lucrativos.

Com o objetivo de orientar a criação e manutenção dos EMAUs, a FENEA (2006) elaborou o Projeto de Orientação a Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo (POEMA). O POEMA começou a ser concebido nos anos 1990, após a redemocratização do país que possibilitou a reorganização dos movimentos estudantis. O último POEMA foi publicado em 2006 e uma nova versão está em processo de revisão desde 2019, acompanhando as dinâmicas de reformulação do conceito de extensão. Entre outros pontos, enfatiza a necessidade de transição do caráter de assistencialismo para o de assessoria, contribuição profissional para demandas sociais e cidadania e a não competitividade com o mercado de trabalho profissional, buscando atuar em áreas não alcançadas pelo mercado formal.

Desde a década de 1990, os EMAUs têm sido espaços acadêmicos criados em diversos cursos de Arquitetura e Urbanismo no país, voltados a oportunizar a prática profissional de Arquitetura e Urbanismo para os estudantes, sob a supervisão de professores dos cursos. Segundo o levantamento da FENEA, ilustrado no mapa abaixo (Figura 01), existem mais trinta EMAUs em atividade em diversas regiões do Brasil. No estado do Rio de Janeiro, contamos com diversas experiências de escritórios, como o ABRICÓ (UFRJ - Rio de Janeiro), o EMPAZ (UFF - Niterói), o EM.USU (Santa Úrsula - Rio de Janeiro) e o RIZOMA (Estácio de Sá - Petrópolis).

Figura 01: Mapa de EMAUs no Brasil.



Fonte: FENEA (2007).

A seguir, apresentaremos uma breve revisão bibliográfica em torno das atividades e projetos desenvolvidos por alguns Escritórios Modelos de Arquitetura e Urbanismo. Ao reunir os relatos desses diferentes coletivos, tivemos como objetivo aprimorar nossa compreensão sobre atribuições, competências e potencialidades de atuação dos EMAUs, além de buscar refletir criticamente sobre as nossas próprias práticas e futuros desafios no caso do EMAU-TERÊ.

Moacir Gadotti (2017), por exemplo, nos aponta para o desafio que é a superação de práticas acadêmicas fragmentadas para uma prática integral e integradora. O autor defende a extensão universitária, juntamente com o ensino e a pesquisa, como parte indissociável nas práticas pedagógicas, sendo necessárias tais conexões para que a educação seja integral.

Alguns dos desafios atuais para a prática da extensão universitária é superar a visão academicista que, de acordo com Gadotti (2017), seja possível extrapolar os muros da universidade para que haja uma verdadeira interdisciplinaridade e integração aos saberes das comunidades em que ambos se legitimam. O autor afirma que o conceito de extensão universitária vem sendo reformulado, sobretudo buscando repensar práticas assistencialistas e também questões mercadológicas.

Silva, Fontenele e Lyra (2014) traçam um paralelo sobre a tendência de homogeneização do ensino e a necessidade das referências locais, especialmente na formação em Arquitetura e Urbanismo em que é preciso construir espaços através da compreensão das relações humanas e espacialidades, como lugar, território e espaço. Para elas, a atuação dos EMAUs deve ser diversa, tanto em escala, como em enfoque, seja através de projetos arquitetônicos de caráter social ou comunitário, mutirões, assessoria a comunidades, capacitação e formação, intervenções de natureza artística e urbanística de resistência e regularização fundiária, entre outros.

As autoras, trazem exemplos práticos dessas atuações, como um projeto arquitetônico de reforma da sede da “Associação Comunitária do Território do Bem” realizado pelo “Célula” (EMAU da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES). Além de visitas e oficinas, o projeto culminou em um mutirão estudantil de duas semanas para a execução do projeto.

Em assessorias às comunidades, o RUA (EMAU da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF) promoveu ações de capacitação política e de diálogo com o poder público para a ocupação da Comunidade da Rua Um, amparando a fundação da Associação Comunitária em Juiz de Fora.

Já o Canto (EMAU da Universidade Federal do Ceará - UFCE) junto à força comunitária de Lauro Vieira Chaves, conseguiram o desvio da rota do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) que passaria sobre a comunidade e removeria mais de 600 casas, além de conseguirem indenização para cerca de 60 famílias a relocação para localidade próxima à original.

Apesar do protagonismo do movimento discente, reiterado pela FENEA (2007) no princípio de autonomia estudantil e horizontalidade, Garritano, Lessa e Mouros (2019) destacam a importância do papel de um professor orientador, que além de atender as questões legais do exercício profissional e responsabilidade técnica, também deve ter experiência com atuação em comunidades segregadas e questões político-sociais.

Os autores também descrevem o processo de consolidação do EMAU Abricó (EMAU da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ) através da construção de uma linha do tempo de 2012 a 2018, que se inicia apontando para a existência de um EMAU anterior, passando pela conquista de concessão de bolsas, busca pela identidade visual, realização de oficinas, entre outros. Também relatam que a atuação do Abricó se deu através de ciclos, ora mais voltado para atividades de extensão, ora mais voltado para atividades de ensino e pesquisa.

Garritano et al. (2019) dão continuidade ao trabalho anterior aprofundando quatro dimensões que tensionam a atuação extensionista como os EMAUs: Conciliação (ou não) da pesquisa com a extensão e o ensino; Tensão entre o tempo demandado pela grade curricular do curso e pelas urgências das demandas das atividades do EMAU; Tensão entre o espaço institucional em que se insere o programa de extensão e as especificidades do território em que se atua; Necessidade de recursos financeiros e materiais.

Além desses, os autores (2019) também destacam os desafios da extensão quanto às expectativas que são criadas, tanto por parte dos próprios extensionistas como pelas comunidades em que atuam. Também chamam a atenção para as questões inerentes aos processos participativos, acrescida da dificuldade de manter uma gestão horizontal.

5. CONSTRUÇÕES METODOLÓGICAS PARA AS PRÁTICAS EXTENSIONISTAS DO EMAU-TERÊ

A metodologia de trabalho que buscamos aplicar durante esses dois anos de atuação do EMAU-TERÊ esteve embasada nas diretrizes dispostas na Carta de Definição para EMAUs da FENEA (2007), já mencionada neste artigo, e na qual se estimula a promoção da iniciativa estudantil, da construção horizontal, coletiva, multidisciplinar e não-assistencialista.

Desta forma, a construção metodológica para o EMAU-TERÊ consistiu em uma dinâmica de trabalho própria, a ser desenvolvida dentro de quatro Grupos de Trabalhos (GTs) como frentes prospectivas e propositivas, com base em demandas reais ou potenciais, e que deveriam durante as aproximações com comunidades locais. Estes GTs foram desenvolvidos com premissa de autonomia dos estudantes de iniciação extensionista, sob orientação das professoras coordenadoras do projeto de extensão, distribuídos da seguinte forma: 1) Desenvolvimento de projetos comunitários e Assistência técnica; 2) Promoção de oficinas visando a integração das práticas acadêmicas; 3) Comunicação, divulgação, captação de recursos e novas demandas.

A partir das demandas específicas de cada GT, os estudantes se organizavam internamente através de reuniões periódicas que tinham como objetivo promover debates sobre as diferentes formas de trabalho, distribuir as tarefas entre os grupos e produzir material de acordo com as necessidades de cada projeto. Todas as atividades deveriam acontecer de forma horizontal e coletiva. Deste modo, cada grupo era responsável por democratizar as informações e apresentar as etapas de desenvolvimento dos projetos para a equipe. Para facilitar as trocas, são utilizadas ferramentas compartilhadas como *drives* e *chats* de acesso coletivo.

6. RESULTADOS: EXPERIÊNCIAS DO EMAU-TERÊ

Durante o período entre 2022 e 2023, algumas atividades voltadas às práticas extensionistas foram desenvolvidas através do EMAU-TERÊ, entre elas podemos destacar:

1) A criação de um Instagram visando a comunicação externa, divulgação das atividades do EMAU e mobilização de futuros novos integrantes;

2) O desenvolvimento do projeto e a execução de um equipamento para apoio a atividades de uso temporário, como: feiras, exposições, rodas de conversas, apresentações etc. O Expositor denominado de “Dobra” foi selecionado para participar do edital de incentivo a novos produtos patenteáveis do UNIFESO;

3) A realização de oficinas pedagógicas em escolas municipais e estaduais de Teresópolis, com intuito de difundir os conhecimentos técnicos sobre arquitetura, dimensionamento e organização dos espaços para além da sala de aula;

4) A promoção de encontros e intercâmbio estudantil entre os estudantes do EMAU TERÊ e ABRICÓ, Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da FAU-UFRJ, visando a troca de experiências e o reconhecimento das diferenças entre os dois EMAUs;

5) Participação na expografia, montagem e organização da III Expo Arq e Urb Terê, realizada no Centro Cultural Feso Pro Arte, em Teresópolis, tendo como objetivo estimular debates sobre a produção dos espaços serranos e a divulgar para a comunidade local os trabalhos de Arquitetura e Urbanismo desenvolvidos no ano de 2023 no UNIFESO;

6) O desenvolvimento de diversas atividades de inserção no bairro da Beira Linha, em Teresópolis, através do projeto extensionista denominado por ARQHORTA. Este projeto trata de uma demanda trazida pela Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF), onde os estudantes deveriam propor a construção de uma horta comunitária para incentivo de hábitos alimentares mais saudáveis através do reconhecimento de saberes e práticas da população local.

Figuras 02, 03 e 04: Processos de prototipagem do Expositor DOBRA.



Fonte: EMAU TERÊ.

Figura 05: Registros das plantas cultivadas pelos moradores do bairro.



Fonte: EMAU TERÊ.

Figura 06: Atividade socioeducativa para a comunidade em parceria com a UBSF.



Fonte: EMAU TERÊ.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo apresentar a importância dos Escritórios Modelos nos processos de implementação e desenvolvimento da extensão universitária nos cursos de Arquitetura e Urbanismo. A partir dos exemplos aqui trazidos, podemos notar que os EMAUs seguem desempenhando um papel fundamental na formação crítica, autônoma e situada dos estudantes envolvidos, além de estimular práticas profissionais que visam contribuir para a diminuição das desigualdades socioespaciais das nossas cidades e respeitar o direito à cidadania de todos.

A relevância que um programa de extensão, como o EMAU TERÊ, pôde ser notada no relato dos trabalhos desenvolvidos em seus dois primeiros anos de criação, onde é possível notar o esforço em diluir as barreiras existentes entre os conhecimentos produzidos pela universidade e o reconhecimento dos saberes locais. Pudemos avaliar, na produção deste artigo, a urgência por práticas que considerem a arquitetura em constante diálogo com as diversidades da vida cotidiana e, nesse contato, produzam potentes ferramentas de transformação social e ambiental. As metodologias participativas que partem principalmente da organização e mobilização dos estudantes se mostram imprescindíveis para a construção de processos de ensino e aprendizagens mais conscientes dentro do nosso curso.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FENEA. Federação Nacional de Arquitetura e Urbanismo. **Poema: Projeto de Orientação a Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo**, 2006.

FENEA. Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo. **Carta de Definição para Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo**. Florianópolis, ENEA, 2007.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2022.

GARRITANO, Bruna; LESSA, Maria Eduarda Sant'Anna; MOUROS, Erick Santos de. A Extensão Universitária na Formação em Arquitetura e Urbanismo Através dos EMAUs: Estudo de caso sobre os cinco anos de atuação do Abricó como EMAU da UFRJ. *In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*, Natal, ENANPUR, 2019. Disponível em: <https://f8c86904-eae2-4311-b635-8bd51c187ea1.filesusr.com/ugd/7ed451_27a1bc9e8f9740b7a1b73eb8d5518873.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

GARRITANO, Bruna; MOUROS, Erick Santos de; LESSA, Maria Eduarda Sant'Anna; ALÓ, Mariana. Entre Tensões e Extensões: uma análise de estratégias de atuação do Abricó - EMAU/UFRJ. *In: D'OTTAVIANO, Camila; ROVATI, João. (org.). Além dos Muros da Universidade: Planejamento Urbano e Regional e Extensão Universitária*. São Paulo: USP, 2019. Disponível em: <http://anpur.org.br/wp-content/uploads/2020/01/livro-II_al%C3%A9m-dos-muros-da-universidade_final.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2022.

SILVA, A. L. S. V.; FONTENELE, C. M.; LYRA, L. E. G. **Desafios da Extensão Universitária e Escritórios Modelo**. *Oculum Ensaios*, São Paulo, v. 11, n. 2, jul.-dez. 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351732474010>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

FREIRE, Paulo (1971). **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KUBO, Olga Mitsue; BOTOMÉ, Sílvio Paulo. **Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais**. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 5, dez. 2001. ISSN 1981-8076. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3321/2665>>. Acesso em: 24 fev. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v5i1.3321>.

MEC. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo**. Resolução CNE/CES nº 6, de 2 de fevereiro, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5649-rces06-06&category_slug=junho-2010-pdf&Itemid=30192>

UNIFESO. Centro Universitário Serra dos Órgãos. **Projeto Pedagógico Institucional – PDI/ 2016**. Teresópolis: UNIFESO, 2016. Disponível em: <<https://www.unifeso.edu.br/sobre-unifeso.php>>. Acesso em: 02, mar. 2022.